

Uma discussão sobre a ecologia, meio ambiente e sua relação com o esporte¹

André Malina – UERJ

E-mail: andremalina@yahoo.com.br

Fone: (21)2431-3891

Data de recepção: 24/04/2008

Data de aprovação: 26/02/2009

Resumo: O presente artigo discute alguns elementos que podem subsidiar a compreensão dos aspectos relativos à discussão sobre ecologia, meioambiente e sua relação com o esporte. O ponto de partida foi o conceito de ecologia e as causas da degradação ambiental presentes nas falas dos seguintes entrevistados *in loco*: um pescador profissional, um biólogo que é pescador por atividade de lazer, um surfista amador e um praticante de voo livre. O objetivo é verificar se há diferença nos conceitos sobre o que leva à degradação ambiental e se há uma noção ampliada das questões ambientais para além das atividades específicas em questão. Buscamos inter-relacionar educação ambiental e esporte com os problemas macroestruturais, especialmente os impactos causados pelo sistema capitalista.

Palavras Chave: Conceito de Ecologia - Degradação Ambiental – Esporte e Educação Ambiental

¹ A pesquisa que resultou neste artigo foi realizada no segundo semestre de 2006.

Introdução

O presente artigo pretende discutir alguns elementos que podem subsidiar a compreensão dos aspectos relativos à discussão sobre ecologia, meioambiente e sua relação com o esporte. Dessa forma, propõe-se investigar a concepção de ecologia e as causas da degradação ambiental de pessoas que têm contato com a natureza, seja por atividade profissional ou por atividade de lazer ou esporte. Assim, realizamos entrevistas semiestruturadas in loco, nas quais o fio condutor é delineado pelas questões: (1) da degradação ambiental; (2) das preocupações e pressões sociais sobre a responsabilidade do indivíduo em confronto com responsabilidades de ordem coletiva; (3) da influência da mídia; e (4) da relevância da educação ambiental, especialmente referente às práticas esportivas de contato direto com a natureza.

Nossa abordagem dirigida aos entrevistados é dada no sentido de verificarmos se a concepção de ecologia demonstrada ultrapassa o limite da sua atividade profissional ou de lazer ou esporte, para uma compreensão dos problemas de forma ampliada.

Partimos da premissa de que há questões políticas e econômicas, derivadas do atual sistema capitalista, que são confrontadas com ações da sociedade organizadas ações que podem ser favoráveis, críticas, opostas ou alheias a este sistema capitalista. Desse modo, podemos observar tais questões, por exemplo, nos desdobramentos ecológicos da recusa dos Estados Unidos em assinar o Protocolo de Kioto ou no

aquecimento global provocado pela desagregação ambiental, expressa especialmente pelo lixo industrial e pelo desenvolvimento humano-industrial (como o número de carros na rua). Vemos também a sociedade organizada provocar confrontos e tensões, que redundam em uma geração de tecnologias e produtos “ecologicamente corretos”, como a produção do biodiesel e a reciclagem de pneus. Nesse contexto de confrontos e tensões, a mídia assume um papel importante, porém ambíguo, já que os propósitos de produção estão relacionados ao sistema capitalista.

De outra forma, vemos as decorrências dessas questões na pressão para que a população também seja “ecologicamente correta”. Tal fato, além da aparente preocupação com o futuro da humanidade, revela uma falta de responsabilidade do Estado e responsabilização do indivíduo sobre seu próprio futuro, dos seus filhos e netos, e da humanidade em foco. São exemplos disso as imposições civilizatórias no nosso dia-a-dia, como: não jogar lixo na rua; ter uma coleta de lixo reciclável; interagirmos com o meio ambiente; irritarmo-nos (mas não nos confrontamos) com a existência dos lixões ou com a poluição das baías e dos rios.

1. Problematização

Atualmente a temática do meio ambiente extrapola fronteiras em escala mundial, de modo que possibilita a identificação de diversas organizações especializadas.

Não obstante, cada uma dessas organizações traz no seu escopo suas crenças, proposições e visões de mundo. No Brasil, o Ministério do Meio Ambiente foi responsável pela realização de duas conferências nacionais em 2003 e 2005. Condizente com o conteúdo explorado, destacou-se o debate acerca de uma política ambiental integrada e do uso sustentável dos recursos naturais. Para tanto, ressaltaram na última conferência o seguinte lema: “Vamos cuidar do Brasil”. Em tese, discutiu-se especialmente a questão do crime ambiental, da água e recursos hídricos, biodiversidade e florestas, qualidade ambiental nos assentamentos humanos e fortalecimento do Sistema Nacional de Meio Ambiente (SISNAMA).

Em abril de 2006, foi divulgada uma carta de responsabilidades protagonizada por jovens brasileiros envolvidos na II Conferência Nacional Infanto-Juvenil pelo Meio Ambiente. Tal carta objetivou abordar a construção de uma sociedade justa, feliz e sustentável, representando e defendendo ideias de 12 mil escolas e comunidades do país, e uma população em torno de quatro milhões de pessoas. Entre os temas trabalhados na carta estavam incluídos: Mudanças Climáticas, Biodiversidade, Segurança Alimentar e Nutricional e Diversidade Étnico-Racial.

1.1. Ecologia e meioambiente no meio acadêmico

Sob a ótica de inserção no âmbito acadêmico, a questão ambiental tem-se apresentado relevante e forte, uma vez que se encontra inserida no campo das Ciências Biológicas como

“ecologia e meio ambiente”, e conta com 26 cursos de pós-graduação *stricto sensu* reconhecidos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), dentre os quais 21 apresentam o termo “ecologia” no nome do programa. Sobretudo, são oriundos de 16 estados da Federação, sendo 25 mestrados e 17 doutorados.

No programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da UFSC, existem diferentes teses e dissertações sobre o tema. Bellen (2002), Bitencourt (2000), Leonardo (2001) e Ramos (2001) são alguns dos autores representativos dessas produções acadêmicas, com estes dois últimos discutindo questões da área do Direito.

No âmbito escolar, observar-se-ão preocupações com a conscientização dos sujeitos sobre questões ecológicas como as encontradas nas produções de Zanini (2001), Messias (2003), Machado (2002) e Silva A. (2003).

Condizente com a promoção da saúde, há de se salientar a produção científica de Silva (2003), o qual trabalhou as dimensões constitutivas de uma ecologia cognitiva, que oportunizasse a promoção da saúde integral. Nessa relação, temos os praticantes de esporte que, de acordo com Cavalcanti e Costa (2002), desencadearam nos últimos anos o surgimento dos esportes de aventura, proporcionando crescente evolução mundial e nacional da prática de atividades físicas no âmbito natural.

No universo desses esportes, destaca-se o interesse de pesquisadores em investigações acerca das modalidades e seus praticantes. Na escalada, por exemplo, Faro, Itaborahy e Pereira (2004) observam que essa modalidade necessita de investigações futuras para possibilitar uma eficiente intervenção didática e pedagógica. No caiaque, Carvalho *et al* (2002) verificaram o perfil antropométrico dos atletas da seleção brasileira de canoagem. No surfe, Costa e Ribeiro (2001) realizaram uma avaliação quantitativa da propriocepção em surfistas e atletas lesionados. No voo livre, Fisher (1981) investigou acerca dos aspectos aerodinâmicos.

Já no lazer, podemos perceber questões que vão desde as experiências em parques urbanos (RECHIA, 2003) até o risco na montanha (COSTA, 1999). Concomitantemente, no Turismo vemos teses, como a de Oliveira Júnior (2003), que discutiu o planejamento ambiental e a gestão em turismo de aventura. Por outro lado, temos Aguiar *et al* (2003), que considerou a prática esportiva como um mecanismo destruidor do meio ambiente. Nessa perspectiva, Balderstone (2002) observou que os praticantes de esportes na natureza devem tentar reabilitar áreas degradadas.

Diante do exposto, cabe observar como a questão do meio ambiente perpassa, atualmente, diferentes possibilidades e áreas do conhecimento que vão da política às relações internacionais, abrangendo áreas como a Engenharia de Produção e Direito.

Especificamente, preocupamo-nos em discutir a inter-relação dos esportes de aventura com o contexto mais amplo da sociedade, no qual questões de outras áreas de conhecimento e da sociedade irão aparecer. Dessa forma, o presente estudo pretende discutir a questão do meio ambiente à luz dos dados coletados nas entrevistas propostas. O objetivo é verificar se há diferença nos conceitos dos entrevistados sobre o que leva à degradação ambiental e se há uma noção ampliada das questões ambientais para além das atividades específicas em questão.

2. A análise dos dados

As entrevistas foram realizadas com dois pescadores – sendo um deles pescador profissional há 25 anos, e o outro, pescador por atividade de lazer com formação em biologia –, um praticante de surfe e um praticante de voo livre. Segue a análise da fala de cada um dos entrevistados.

2.1. A fala dos pescadores²

Entrevistamos *in loco* primeiramente o pescador profissional para, em seguida, entrevistarmos o pescador por

²Entrevista com Bernard Wollmann, biólogo (pescador por lazer que acompanha Sílvio), e “Sílvio” (o entrevistado prefere que sua identidade seja esta), pescador profissional.

atividade de lazer ou esporte. Após sairmos com o barco e perguntar se a pescaria mudou em relação à época de quando começou a trabalhar para hoje, ele respondeu: “mudou muito, era muita fartura (...). Tinham pescarias que se pescava 200 quilos de peixe, hoje em dia você pega 10 quilos de peixe”. Indagado sobre as causas, ele disse que era por causa de muitos barcos pescando e, em consequência, muitas redes (característica da pesca predatória): “(...) são muitos barcos, muitos de empresários, pois são grandes e vêm com muitas redes, a gente que pesca com linha, pega muito menos que o pessoal de rede”. Perguntado se a rede é colocada de forma indiscriminada, diz que não, mas responde “(...) existem vários tipos de redes, redes de fundo, redes de superfície, que é a que mata tudo”. E afirmou que, apesar de ser proibido, como aumentou muito o número de embarcações, muitas delas agem fora da lei, madrugada adentro. Em outro ponto da entrevista, o pescador afirmou que a entrada de empresas e cooperativas aumentou o volume da pesca: “a cada dia que passa tem um barco novo (...) suportam toneladas. Dá mais dinheiro, pois tem mais volume de rede”. Ele diz que “quanto mais barco e mais barco com rede, aumenta” a pesca predatória.

Sobre a questão da poluição, o pescador não associou os novos tempos com ela e acrescentou que: “no verão a água fica mais suja e no inverno mais limpa, mas não é questão de poluição, é da natureza mesmo. A poluição diminuiu bastante. (...) Eu trabalho mais próximo das ilhas, mas quem vai aí por

dentro, tem visto uma grande diferença na poluição”.

Quando indagado sobre os efeitos da poluição industrial antigamente, que estava em condições consideradas piores, afirmou que houve um “derramamento de óleo, acabou com a nossa pescaria. Um derramamento que teve lá dentro e sujou até nas ilhas”. Perguntado sobre os pescadores antigos ele responde que esses pescadores dizem que: “tinha até tubarão na Urca, cação, baleia (...). E hoje em dia não tem mais nada porque enchem de rede a entrada da Baía. Não sai e não entra nada, pois ficam todos agarrados”.

Os pescadores têm uma organização em sindicatos que promovem diversas ações, mas que na sua resposta são reduzidas ou dispersadas, ou mesmo denotam má atuação desse sindicato. Em sua opinião, “na colônia tem um montão de coisa, um montão de aviso pra isso e pra aquilo, mas cada um pesca de um jeito e continua a mesma coisa”. Por causa dessa resposta insistimos, perguntando se o sindicato fala uma coisa, mas na prática seria outra. Sua resposta foi de que “na prática é outra, cada um com seu método”.

Nosso entendimento inicial foi de que o pescador tinha uma compreensão limitada dos aspectos de decorrência mais ampla. Desse modo, partimos para a entrevista com o pescador por atividade de lazer ou esporte e que é seu sobrinho: graduado em Biologia, pesca com o tio, frequentemente, desde os seis anos de idade, por lazer ou esporte e para ajudar o tio a obter melhores rendimentos. Ele admira o que chamou de “filosofia

de vida do pescador”, que seria “um ritmo um pouco mais calmo, mas não é, apesar de ser mais devagar que o urbano”.

Nessa hora, estávamos em frente ao Pão de Açúcar. Perguntamos se era um local poluído. Ele respondeu que naquele local, a Praia Vermelha, “tem um rio que desemboca debaixo dela e este rio é extremamente poluído. E acrescentou que a poluição visual em si não é muito aparente, mas provavelmente se for feito algum controle de qualidade de água, a gente vai encontrar alguma coisa”.

Já que ele tinha experiência na prática de esportes ligados ao mar e pescava sistematicamente com um pescador profissional, perguntamos se ele achava que a concepção de ecologia do surfista ou do praticante de *bodyboard* é muito diferente de um pescador que vive do mar. Ele respondeu: “a filosofia do surfista e do pescador pode até ser a mesma, tipo assim: vamos preservar, vamos não destruir, vamos manter o oceano limpo. Mas a consciência do pescador (...) e a convivência dele fazem com que ele preserve muito mais que o surfista, (...) geralmente ecológicos na praia (...), mas nas casas deles, as atitudes (...) não correspondem a isso”.

Então perguntamos se ele achava que um pescador teria uma concepção de ecologia, uma forma diferente de ver as coisas. Ele respondeu: “Eu não sei se posso considerar uma consciência (...) De repente pode ser uma coisa meio que embutida neles, pelo estilo de vida que eles vêm levando (...) vivendo de certa forma, mais ecologicamente que os surfistas”.

Ao ser questionado sobre a concepção de meio ambiente no mundo, ele respondeu que “há muito tempo atrás, o que a gente via muito, era (...) vamos conservar a natureza, ou seja, tirar o homem dela. (...) As comunidades caiçaras, as comunidades indígenas, pois como você pode tirar uma pessoa de um lugar preservado se foi ela quem fez com que esse lugar se mantivesse preservado? Então hoje em dia, o conceito não seria mais conservação e sim a preservação, mas incluindo o homem nesses espaços de preservação”.

Quanto ao que ele achava da questão do processo de industrialização no mundo como vemos agora, se havia um impacto ambiental muito forte, ele respondeu: “a industrialização em si está influenciando, sim, o impacto ambiental, mas eu creio que o grande problema é o consumo excessivo das coisas”. Nossa compreensão inicial foi de que ele também tenderia a culpar o indivíduo, e não a sociedade capitalista, que induz ao consumo excessivo e permanente, apesar de acrescentar o seguinte em sua resposta: “as indústrias poderiam caminhar para um lado mais ecológico, utilizando materiais mais corretos, materiais que não poluíssem e que os consumidores se sentissem seguros de comprar”. Ratifica-se, assim, em acordo com o sistema capitalista, que os consumidores deveriam comprar os produtos “não apenas porque confiam na marca, mas porque sabem que ela não estará poluindo” – uma forma bem americana e europeia de consumir.

Mas afirma que “para produzir um carro gastam-se

quase 200 litros de água e, depois querem que eu fique economizando água na minha casa, fechando torneira (...) pois eu estarei economizando migalhas para depois eles estarem gastando na indústria”.

Surge a crítica que contrariou sua perspectiva anterior de culpar o indivíduo pelos problemas ecológicos.

Ao ser perguntado se ele acreditava na pressão da mídia sobre o indivíduo e não sobre as indústrias poluidoras em grande escala, responde que “sem dúvida. A sociedade fica sendo massacrada com deveres e tarefas que devem ser feitas para preservar o meio ambiente, como reciclagem, prepare o seu lixo e, um monte de deveres”. E acrescentou que o consumo energético que está aumentando é o das grandes indústrias, não o consumo das pessoas. As pessoas deveriam exigir embalagens não poluentes, alimentos orgânicos à base de agricultura familiar, agricultura ecológica ou agricultura florestal.

Sua concepção de ecologia apresentou críticas embutidas ao sistema, especificamente às indústrias que não fazem sua parte. Denotava um acordo com o sistema, desde que fizessem sua parte de conservação da natureza. Mudamos, então, para a temática do esporte. Perguntamos se o esporte tem alguma influência nessa concepção de ecologia e formação do indivíduo e ele responde que “os esportes considerados fechados, tipo quadra, essas coisas, creio que podem influenciar um pouco menos, mas (...) os esportes considerados mais

radicais, como a escalada, surfe, mergulho, *mountain bike*, só de ter um contato mais direto com a natureza, devem influenciar um pouco mais na consciência da pessoa. Não que faça com que ela tenha todos os atos corretos, até porque muitas vezes, algumas trilhas estão impactando o meio ambiente, os surfistas pra pegar ondas estão pisando em bancada de corais (...). Ele tem a consciência de preservar, mas ele não foi instruído pra saber que isso também é um impacto que ele está causando”.

Nesse ponto, sintetizamos nossas preocupações específicas com o presente artigo, provocando objetivamente: será que essa conscientização mais no sentido do indivíduo e no que um indivíduo pode preservar não acabaria nos levando a fazer exatamente o que a mídia, a propaganda quer que façamos, que é ser um indivíduo bonzinho em certas coisas, mas que não percebe a real dimensão do processo de industrialização mais amplo? Sua resposta demonstra que alcança uma compreensão mais ampliada quando estimulado “a mídia tem esse poder de conseguir fazer isso. As indústrias querem que as pessoas façam essas tarefas individuais e continuem consumindo.(...) Se não tiver um trabalho de educação ambiental forte, essas pessoas nunca vão conseguir chegar a essa consciência crítica (...)”.

Como era um ponto importante neste artigo, insistimos, perguntando se a educação ambiental existe e se produz essa visão mais ampla de ecologia ou é uma educação que está

contribuindo mais para a formação do indivíduo. Sua resposta confirma sua visão mais ampla no assunto em questão, se estimulado “a educação ambiental existe, porém em muitos lugares ela não está sendo feita corretamente. Pois o que acabam fazendo é justamente reproduzindo a sociedade de consumo que temos atualmente (...), pois hoje em dia não se pode apenas abordar a reciclagem, mas sim o consumo, que é o principal ponto”.

2.2. A fala do surfista³

Nosso terceiro entrevistado tem 24 anos e trabalha com informática, a partir do término de dois cursos profissionalizantes. Sua relação com a natureza ocorre a prática do surfe, esporte que pratica há dez anos. Sua primeira fala remete, tal como os outros, à culpa dos indivíduos pelos problemas ligados ao meio ambiente: “acho que em relação ao meio ambiente, as pessoas deveriam ter mais consciência. Na minha visão não estão colaborando bastante”. Sua fala remete especialmente aos oceanos e mares, por causa de sua relação com o surfe, entendidos como a tribo dos surfistas. Ele destaca que os praticantes de esportes que têm relação com mares e oceanos têm mais obrigação do que outros de conservá-los: “por dentro dos surfistas, nadadores e *bodyboarders*, estes deveriam ter uma consciência do que deveria ser o melhor ou

³ Antônio Cesário Neto, o Netinho, surfista.

ruim para o meio ambiente e que não está 100%”.

Indagado sobre a poluição de forma mais ampla, para além de sua atividade esportiva, ele considera que a situação do meio ambiente está complicada, crítica, mas sempre culpando a sociedade como um todo, com tendência aos indivíduos poluidores: “as pessoas não colaboram com o lixo, e o esgoto também desemboca no mar, tem até o píer da reserva que não deu certo. (...) Enfim, em todos os lugares está crítica, pois não estão sabendo cuidar da poluição”. Insistimos no confronto entre o individual e o coletivo, com uma pergunta sobre o armazenamento do lixo no mar. Sua resposta mostra-se mais elaborada e argumenta que o papel do coletivo seria mais importante, e cita a construção do emissário da praia da Reserva que iniciou e não foi concluído. Na próxima pergunta, mantivemos o confronto individual x coletivo, contrapondo as grandes indústrias e os indivíduos e perguntando quais seriam os principais agentes causadores dos problemas ambientais. Sua resposta aponta para um outro dado, a omissão dos indivíduos “nesse fato seria uma parte das grandes indústrias e também dos homens (...). Empresários e governadores erraram e o homem, por ajudar com essa grande poluição e nem buscar chegar a um acordo (...) as reportagens mostram, criticam, mas não chegam a lugar nenhum, portanto acho que todos têm sua parcela de culpa por nada ser feito”.

Quando foi perguntado sobre o papel da mídia, ele afirmou como sendo positivo que “a mídia corre atrás, divulga bastante (...) mostra os erros das indústrias que dizem que vão

fazer e começar a estudar pra achar uma solução (...) mas na minha visão não está tendo um retorno (...). As reportagens divulgam as manchas negras que estão poluindo o mar, mas nunca fazem nada”. Para ele, “seria muito bom se os professores que trabalham com os esportes e o meio ambiente pudessem conscientizar mais a garotada e os adultos a colaborarem (...)”.

Nessa expressão demonstra sua consideração sobre a importância da educação ambiental na relação com a prática esportiva.

2.3. A fala do praticante do voo livre⁴

O quarto entrevistado tem 25 anos, está concluindo o curso de Administração de Empresas, frequentando “a mata” em trilhas e ainda pratica voo livre desde 2004. Nesse esporte, não há uma regularidade na sua prática, pois depende do vento. Normalmente, voa uma vez por semana, especialmente na rampa da Pedra Bonita, mas também faz voos em outros lugares, como em Macaé, local onde nasceu e onde está tentando abrir uma rampa. Perguntado sobre os impactos ambientais, o entrevistado afirmou observar no voo os desmatamentos e o crescimento das favelas. Ele enfatiza a importância da prática de um esporte *outdoor*, em contato direto com a natureza.

⁴ “Fábio”, praticante de voo livre (prefere ser identificado apenas com seu primeiro nome).

Quando perguntamos sobre a questão de favelização das cidades, o entrevistado apontou um exemplo de uma favela que cresceu, mas resolveram retirar os barracos para o reflorestamento do local invadido. Perguntamos em seguida sobre a preservação do meio ambiente e o seu papel enquanto indivíduo. Ele afirmou pertencer a uma Organização Não Governamental (ONG) de defesa da Mata Atlântica, e que sempre particularmente preocupou-se com tais questões “(...) estou sempre conectado e tentando atuar de forma a conscientizar outras pessoas, pra fazer, vamos dizer assim, a rede da natureza aumentar, pois a gente vê como a terra está sendo destruída, o aquecimento global, uma série de assuntos, (...) me assusta particularmente, pois procuro pensar a longo prazo, não só na minha geração mas nas outras que virão e acho que já está na hora da sociedade ter uma resposta coletiva a esse tipo de degradação que está acontecendo”.

Aproveitamos a resposta para indagar se ele percebia algo coletivo em relação ao tratamento do meio ambiente, ou se, principalmente, seria o indivíduo que sofreria as principais ações e responsabilidades como causador do impacto. Ele responde com uma ideia mais articulada em relação aos outros entrevistados, que “o indivíduo tem sua colaboração (...), nós somos responsáveis sim, somos os agentes fiscalizadores e que temos como colocar pressão nas grandes indústrias, que no meu modo de ver são os grandes vilões da história, especialmente no que diz respeito ao efeito estufa, pois as grandes fábricas queimando combustível a doidado (...), e isso é difícil de

entender, pois são os indivíduos quem consomem esses produtos. E quando tem o acordo de Kyoto, vou citar aqui, que é pra ser ratificado por países desenvolvidos, mas não assinam, pois não são os indivíduos daquela sociedade, são as grandes corporações então, esse assunto é delicado, mas com certeza o grande vilão é o capitalismo, o desenvolvimento desenfreado que tem o consumo a todo custo, eu vejo isso”.

Diferentemente do entrevistado anterior, ele vê a mídia como omissa, pois teria que educar as pessoas, passar informações úteis, embora existam alguns bons programas. Para ele, “a mídia estimula o consumismo, (...) o programa de ecologia fala de preservação, mas na verdade estimula o consumo a todo custo e não faz a pressão devida pra que medidas sejam tomadas nas grandes indústrias, como empresa verde, com selo verde de sustentabilidade e ecologia, que seguem as normas ecológicas e ela faz vista grossa (...) eu fico meio decepcionado e acho que a mídia poderia ter um papel mais atuante na sociedade”.

O entrevistado aponta a mídia culpando o indivíduo. Quanto às grandes corporações, ele acha que a mídia é omissa e não é incisiva: “(...) debate ao indivíduo que está próximo, é o telespectador, que está olhando e tal, mas é omissa com relação a quem faz o dano maior ao meio ambiente, que são das grandes empresas. Eu acho, eu vejo assim, posso estar enganado, pelo que eu acompanho, faz até uma pressão, tipo os Estados Unidos no caso de Kyoto, teve uma pressão, mas é uma mobilização pequena perto do estrago que possa ter futuramente, realmente

acho que joga mais pro indivíduo, pras pessoas que são o público dela”.

O entrevistado acha que o esporte *outdoor* e a educação ambiental podem ajudar em uma mudança na concepção de ecologia e na conscientização de sua importância, porque este é o meio de se aproximar do meio ambiente. Para ele, isso não quer dizer que pessoas não praticantes desses esportes não tenham consciência ecológica. Esses esportes, entretanto, promovem um contato direto, uma visualização dos benefícios do meio ambiente. O praticante pode observar na floresta da Tijuca, por exemplo, o reflorestamento e as consequências que o desmatamento causou para a cidade no passado. E aponta uma dimensão utilitária no cuidado com o meio ambiente: “Quero cuidar da floresta que está ali embaixo que me refresca e me permite várias sensações”, e acrescenta que não conhece algum praticante de esporte *outdoor* que não tenha preocupação ecológica, em um nível acima dos que não praticam. O esporte, para ele, é um meio de educação ambiental, pois agrega duas coisas: o prazer do esporte e o da apreciação da natureza.

Ao ser perguntado se existe algum trabalho organizado para assunção de compromissos ambientais, ele afirmou que existem críticas coletivas, e que no voo livre as pessoas são mais preocupadas com a mata. Uma questão interessante apontada pelo entrevistado na prática do voo livre é a elitização do esporte. Ele diz: “(...) o problema no voo livre, que não sei se é legal falar, mas vou falar, por ser um esporte de elite, é um

esporte de emergentes, uma galera com dinheiro, a maioria eu diria que tem consciência, mas tem sempre os escrotos, aqueles que não estão nem aí, que quer mais é o seu umbigo e diversão, se vai construir um prédio ali onde quer que seja não tem problema, mas é uma parte pequena, e isso é uma coisa que na escalada eu não percebi em ninguém, mas no voo livre tem, apesar de ser pequena”.

Contrariando a perspectiva apresentada anteriormente, o entrevistado insiste no problema dos praticantes de voo livre sem conscientização, e culpa novamente o individualismo de pessoas com excesso de dinheiro na relação com a questão da degradação ambiental: “Os que procuram pra voo duplo são aleatórios, pessoas de todo o Brasil, mas dentre os praticantes eu vejo que o discurso não é homogêneo, (...) eu acho que tem a ver com o lado financeiro, (...) essas pessoas das classes mais altas são muito individualistas”.

O processo de mistura das pessoas elitizadas que se iniciam na prática do esporte é atenuado pelos instrutores de voo. Estes são conscientes e procuram ensinar procedimentos corretos e o respeito às comunidades e, essencialmente, à natureza. Fundamentalmente, ele observa o esporte como um elemento de ajuda para conscientizar essas pessoas.

Outro aspecto contraditório em sua entrevista diz respeito às alterações na mata. No Rio de Janeiro, não se observam problemas como o desmatamento causado pelo processo de favelização, por exemplo. Ele acredita que muita coisa poderia estar melhor, mas não vê uma degradação

impactante, como o que está acontecendo em Macaé. “Nesta cidade, que tem uma mata grande e já voei ouvindo barulho de motosserra, é triste, a gente tenta ajudar essa região serrana com a ONG, mas é complicado, porque ainda tem oligarquias.

Oligarquias não, são latifúndios que estão se dissolvendo aos poucos, mas ainda tem os coronéis na área e é difícil entrar e fiscalizar, tudo muito complicado”.

Considerações finais

As respostas dos entrevistados não apresentaram diferença significativa no conhecimento que tinham das razões que levam à degradação ambiental. A diferença apresentada deu-se na forma de elaborar o pensamento, pressupostamente influenciado pelo grau de instrução. Todos percebem razões que levam à degradação ambiental, mas somente quando provocados objetivamente conseguem estabelecer relações para questões mais amplas, além da atividade específica. O pescador, por exemplo, atribui à pesca predatória os problemas de sua atividade profissional. Provavelmente isso tem ligação também com as dificuldades atuais do seu negócio.

Ficou evidenciado nas entrevistas que é necessário compreender e preservar a natureza para levar a um desenvolvimento “sustentado ecologicamente”. Dessa premissa decorre uma crítica aos efeitos do capitalismo sobre as relações sociais e a apropriação dos recursos naturais que não são socializados, mas concentrados. A população, de um modo geral, não tem acesso aos bens que são produzidos a partir da

agressão à natureza. Além disso, são culpados pela contribuição que dão para a sua degradação. Contribuem para isso, entre outros, a mídia e o consumo desenfreado, eixo básico do sistema capitalista. Com isso, os diferentes grupos sociais vão assegurando e reivindicando suas ideias a partir das demandas possibilitadas pela divisão da sociedade de classe. Assim, cada um defende interesses nos quais acreditam ou necessitam. Os entrevistados assumiram posições mais ou menos claras sobre o que os aflige nas questões ambientais, próximas à atividade que praticam. Talvez se entrevistássemos um industrial, ele também apresentasse uma fala concatenada sobre os motivos pelos quais, sua indústria polui e as medidas sociais que faz, tornando sua empresa importante para o desenvolvimento do mundo.

O processo de individualização do homem pelo sistema é expresso nas respostas iniciais. É como se uma compreensão humanista estivesse embutida em uma compreensão individualista. Há uma tendência à cristalização do processo de degradação do meio ambiente, com uma solução viável com cada um fazendo sua parte, embora, quando estimulados, os entrevistados tenham críticas às indústrias e às nações geradoras de degradação. O limite está na visualização de uma solução simplificada, sem ruptura com o sistema capitalista. Ou seja, não é mencionada uma modificação no sistema capitalista, gerador dos problemas ambientais, mas sim uma mudança no processo de conscientização dos problemas ambientais. Por essa compreensão, é fundamental a educação ambiental. Dentro dessa perspectiva, o esporte *outdoor*, realizado em

contato direto com a natureza, é elemento participante do processo de conscientização do indivíduo.

Referências

AGUIAR, T. C. *et al.* Cultura corporal e meio ambiente: limites e possibilidades para organização do trabalho pedagógico na formação de professores. *In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte*, 13., 2003, Caxambú. 25 anos de história: o percurso do CBCE na educação física brasileira. *Anais...* Caxambu: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2003.

BALDERSTONE, S. Organização de eventos e planejamento de instalações em relação ao meio ambiente: alguns princípios importantes e questões chaves – Sydney 2000. *In: Esporte, Olimpismo e Meio Ambiente: visões internacionais*. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2002. p. 97.

BELLEN, M. V. *Indicadores de sustentabilidade: uma análise comparativa*. 2002. 220f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção). Florianópolis: UFSC, 2002.

BITENCOURT, N. L. R. *Uma proposta de cidadania para a preservação ambiental – estudo de caso: comunidade de vargem do braço no parque estadual da serra do tabuleiro*. 2000. 165f. Dissertação (Mestrado em Gestão da Qualidade Ambiental). Florianópolis: UFSC, 2000.

CARVALHO, F. O. *et al.* Perfil antropométrico da seleção brasileira de canoagem. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, Brasília, v. 10, n. 1, p. 7-12, janeiro, 2002.

CAVALCANTI, K. B.; COSTA, T. S. Quando as tribos esportivas se aventuram nas escaladas do lazer. In: Encontro Latino-americano de Recreação e Tempo Livre, 14º, 2002, Santa Cruz do Sul. *Anais*. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2002.

COSTA, M. S.; RIBEIRO, B. V. Quantitative evaluation of proprioception on surfers and injured athletes. *Medicine & Science in Sports & Exercise*, v. 33, n. 5, maio, 2001.

COSTA, V. L. M. *Esportes de aventura e risco na montanha: uma trajetória de jogo com limites e incertezas*. 1999. 214f. Tese (Doutorado em Educação Física). Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1999.

Entrevista com Antônio Cesário Neto – Netinho – (Surfista). Rio de Janeiro: agosto de 2006.

Entrevista com Bernard Wollmann (Biólogo). Rio de Janeiro: agosto de 2006.

Entrevista com “Fábio” (Vôo Livre). Rio de Janeiro: agosto de 2006.

Entrevista com “Sílvio” (Pescador). Rio de Janeiro: agosto de 2006.

FARO, A. A. M.; ITABORAHY, A.; PEREIRA, G. R. A escalada e as ciências do desporto. *Revista Ação & Movimento*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 4, p. 232-44, setembro/outubro, 2004.

FISHER, A. Some aerodynamic aspects of hang gliding. *Endeavour*, v. 5, n. 4, p. 152-157, 1981.

LEONARDO, V. S. *A contabilidade e o meio ambiente: uma visão indústrias químicas certificadas pela ISO 14000*. 2001.

151f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). Florianópolis: UFSC, 2001.

MACHADO, M. M. M. *A informática do ensino da biologia do meio ambiente*. 2002. 86f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). Florianópolis: UFSC, 2002.

MESSIAS, M. E. *Fórum infante – juvenil de meio ambiente: Contribuição para a Aquisição de Conhecimentos e Novas Atitudes Ambientais*. 2003. 104f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). Florianópolis: UFSC, 2003.

OLIVEIRA JÚNIOR, A. F. *Valoração econômica dos recursos naturais para o planejamento ambiental e gestão do turismo de aventura – estudo de caso*. 2003. 290f. Tese (Doutorado Ecologia e Recursos Naturais). São Paulo: Universidade Federal de São Carlos, 2003.

RAMOS, J. *Alternativas para o projeto ecológico de produtos*. 2001. 152f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção). Florianópolis: UFSC, 2001.

RECHIA, S. A. *Parques urbanos de curitiba: a relação entre cidade e natureza nas experiências de lazer*. 2003. 160f. Tese (Doutorado em Educação Física). Campinas: UNICAMP, 2003.

SILVA, A. S. M. N. *Um olhar sobre a educação ambiental no ensino médio: praticar a teoria, refletir a prática*. 2003. 103f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). Florianópolis: UFSC, 2003.

SILVA, V. L. S. *Educar para a conexão: reflexões acerca de uma ecologia cognitiva para promoção de saúde integral em espaços de aprender biologia*. 2003. 190f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção). Florianópolis: UFSC, 2003.

ZANINI, D. M. *Meio ambiente na educação: uma temática em transversalidade no ensino fundamental*. 2001. 96f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção). Florianópolis: UFSC, 2001.

A discussion about ecology, environment and their relationship with sport

Abstract: The present article discusses some elements that can subsidize the understanding of aspects relating to discussion about ecology, environment, and their relationship with sport. The starting point was determined by the presence of the concept of ecology, and the reasons for the environmental degradation in the discourse of the following interviewees, in loco: a professional fisherman, a biologist for whom fishing is a hobby, an amateur surfer, and a hang-glider. The objective of this article is to verify if there is any difference among the concepts, concerning the reasons that lead to environmental degradation, and if there is a wide notion relating to environmental questions that exceed the limits of the specific activities in each case. We aimed at correlating environmental education and sport to the macrostructural problems, particularly the impacts caused by the capitalist system.

Keywords: Concept of Ecology – Environmental Degradation – Sport and Environmental Education